

Roberto Araújo

O PODER  
DO JARDIM



Copyright © Roberto Araújo, 2011  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PARA

**Editora Europa**

Rua MMDC, 121 – CEP 05510-900 – São Paulo, SP  
Telefone (11) 3038-5050, Fax (11) 3038-5040  
atendimento@europanet.com.br  
www.europanet.com.br



**Editor e Publisher** Aydano Roriz  
**Diretor Executivo** Luiz Siqueira

**Autor** Roberto Araújo  
**Revisão de Texto** Cátia de Almeida  
**Capa** Welby Dantas  
**Projeto gráfico** Welby Dantas e Ludmila Viani Taranenko  
**Fotos** Roberto Araújo,  
Valerio Romahn e iStockphoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Araújo, Roberto  
O poder do jardim / Roberto Araújo. --  
São Paulo : Editora Europa, 2011.

ISBN 978-85-7960-110-1

1. Crônicas brasileiras 2. Jardinagem  
3. Plantas I. Título.

11-11693

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Jardinagem : Crônicas : Literatura brasileira  
869.93

**Comercial**

Flávia Pinheiro - flaviapinheiro@europanet.com.br - (11) 3038-5100  
Fabiana Lopes - fabiana@europanet.com.br - (11) 3038-5058  
Promoção: Aida Lima - aida@europanet.com.br - (11) 3038-5118

**Impressão e Acabamento:** Corprint Gráfica e Editora Ltda.

*Aos leitores da revista Natureza,  
com quem compartilho esta jornada.*



*Vivo a natureza integrado nela. De tal modo,  
que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra,  
orvalho, flor ou nevoeiro. Nenhum outro espetáculo  
me dá semelhante plenitude e cria no meu espírito  
um sentido tão acabado do perfeito e do eterno.*

**Miguel Torga,**  
médico e escritor português



# Apresentação

Demorei dez anos para escrever este livro. Tudo começou em março de 2001, quando Aydano Roriz, *chairman* da Editora Europa, me convidou para ser o diretor de redação da revista *Natureza*. Nesse trabalho, ganhei a missão de produzir um texto de apresentação a cada nova edição, tarefa até então realizada pelo próprio Aydano.

Como sou caipira, nascido em Araçatuba, criado em Birigui, ambas no interior de São Paulo, locais de fácil contato com a natureza, recorri inicialmente às minhas memórias de infância para me apresentar aos leitores. Mas isso durou pouco. Elas não eram suficientes.

Achei então que precisava ir além e comprei uma casa de campo num condomínio em Laranjal Paulista, também no interior de São Paulo. Comecei a viver as mesmas angústias e alegrias dos meus leitores. E o inevitável aconteceu: o contato com os consultores da revista, as entrevistas com paisagistas e o dia a dia da própria redação foram deixando o trabalho cada vez mais apaixonante.

Assim, a cada mês, tinha meu momento de angústia em produzir o melhor texto que conseguisse. Não apenas apresentando a edição, mas também procurando contar tudo que eu estava vivenciando e como a jardinagem e o paisagismo estavam mudando a maneira como eu enxergava a vida.

Agora, dez anos depois, decidi que chegou o momento de reunir uma parte desse trabalho em um livro.

Devo admitir também que reescrevi muitos dos textos. A bem da verdade, poucos ficaram como publicados originalmente. Agora, mais maduro e acostumado com o mundo da natureza, procurei ampliar um pouco mais a visão que tive do processo. Sem suprimir, no entanto, a inocência e as experiências (algumas deram certo, outras nem tanto) que realizei no período.

Que a paz reine no jardim de sua vida.

R.A.





## Sumário

O apanhador de jaboticabas.....	13
Chove! Que dia lindo.....	17
Se minhas plantas falassem.....	19
Para quem elas florescem?.....	23
Encantamentos sem palavras .....	25
O charme da imperfeição.....	27
Jardinista, com muito orgulho.....	29
Fale com elas .....	31
O pêndulo.....	33
O presente do avô.....	35
Caminhos .....	39
O poder de certas palavras.....	41
Uma árvore numa bandeja.....	45
Chuvas primaveris.....	47
O reinado das plantas.....	49
O olhar que vê. E modifica.....	53
A história de Tereza.....	55
Fragrâncias.....	59
Demônios no paraíso .....	61
Sono tranquilo.....	63
A história de Gray e Cisco.....	65
O fim dos quintais.....	69
Uma questão de tamanhos .....	71
Sobre pássaros e jardins.....	73
Momento de renovar .....	77
Aposte nos opostos.....	79

Paisagismo essencial .....	81
O adeus do jenipapo.....	83
Dê uma chance à vida.....	87
Devoradoras de luz .....	89
A mágica e a ciência .....	91
Os jardinistas e a cultura humana.....	95
A casa de campo, o videogame e o saci .....	97
Reinvente todo dia .....	101
Ponha cor na sua vida .....	103
As tropicais lições de Burle Marx.....	105
Recordações perfumadas.....	107
Esculturas verdes .....	109
Vontade de viver .....	113
A melhor maneira de aprender.....	115
À beira da piscina.....	117
A lição das trepadeiras .....	119
Delícias da jardinagem.....	121
Árvores, boas amigas.....	123
Cultive amigos.....	125
Uma vaquinha, duas vaquinhas.....	127
A luz do seu jardim .....	131
Sol da meia noite.....	133
Sol e água nos trópicos.....	137
A sombra é para poucos .....	139
A fruta do lobo .....	141
Muito prazer, lofantera .....	145
O céu de cada um.....	147
Um pouco de silêncio, por favor .....	149
Fascínio das cores .....	151
Simplifique a sua vida .....	153
Sobre o tempo e as plantas.....	155
Votos de primavera nova.....	159
Conversa ao ar livre.....	163

Visita a Kew Gardens .....	167
Alma da natureza .....	169
Lagartas trabalhando .....	171
O espírito que mora na terra.....	175
A magia da água.....	177
O prazer de praticar jardinagem.....	179
Lembranças .....	183
Espelho meu.....	187
Cores que seduzem .....	189
O poder de certos lugares.....	191
Cantinhos para reflexão.....	193
Dedos verdes.....	195
Capins.....	199
Sob a luz das estrelas.....	201
Cinco ensinamentos .....	205
O melhor lugar do mundo.....	209
A nobreza do aprender.....	211
Rústicas e poderosas.....	215
A inexplicável força da natureza .....	217
O jardim na primavera .....	221
Show de cores.....	223
Vida em família.....	225
Planeta água.....	229
Microssistema.....	231
Namoro diferente .....	233
Recordações vivas.....	235
As borboletas.....	237
A tempestade.....	239
As sete virtudes de um jardim.....	243
Alimento do espírito .....	247
Presente na primavera .....	249
Delizadeza encantadora.....	251
Orquídea-negra.....	253





## O apanhador de jaboticabas

**E**u era muito magro. Menino ainda, olhava para uma árvore e via na hora o caminho natural, galho a galho, como degraus de uma escada. Chegava ao galho mais alto com facilidade e, de lá de cima, gostava de ficar olhando as casas da cidade de Birigui, no interior de São Paulo, cidade da minha infância.

Estudava de manhã. Quando voltava da escola, a hora do almoço era sempre um desgosto para a minha mãe, Dona Nenê. Ela colocava os pratos mais saborosos na mesa e eu olhava com indiferença, sem apetite. Os legumes, colhidos pouco antes, vinham da chácara do meu pai Omar. O leite chegava em latões, ainda com a espuma da ordenha recém-realizada. Todos em casa eram corados e “cheinhos”. Na época, ser gordinho era sinal de saúde. Pelo menos era assim que minha mãe pensava.

E eu, nada, magro de poder contar as costelas. A vantagem é que foi minha magreza que me permitiu de-

envolver uma grande amizade com as árvores que a gente tinha em casa e na chácara. Passava entre os galhos com facilidade. O cuidado era ter sempre um pé e uma mão bem apoiados e firmes antes do próximo movimento. Por isso, nunca caí.

Em casa, as minhas árvores favoritas eram uma goiabeira, que ficava bem ao lado de um muro alto, e um pé de jabuticaba muito, muito grande. Devia ter mais de 30 anos, a idade maior que o então menino de 9 anos conseguia imaginar.

A cada florada, acompanhava o desenvolvimento das goiabinhas. Enquanto eram pequenas, ninguém ligava para elas, mas quando se tornavam graúdas e a casca começava a mudar do verde-escuro para o amarelo, despertavam apetites. Mas eu sabia de cor onde estava cada uma delas, e seu estado de amadurecimento. Se alguma das minhas irmãs – e tenho três, a Lourdinha, a Cidinha e a Marcinha – ousasse apanhar uma das goiabas, era motivo para briga em casa. Todas as goiabas eram minhas. Não por egoísmo, mas porque achava que só eu sabia quando cada uma delas estava efetivamente madura, pronta para comer. Por mais que eu explicasse, ninguém entendia. Bastava me pedir que escolhia a que estava no ponto para ser comida. Era certo que, se alguém tentasse, violaria a minha ordem de colheita. Além de brigar comigo, ainda comeria uma goiaba verde. O que dá dor de barriga, conforme todo mundo sabe.

A melhor época do ano era quando a jabuticabeira se enchia de frutos. Estes, por serem muitos, grudados no caule, podiam ser comidos à vontade. Eu nada dizia, só esperava. Sabia que meu trabalho ainda seria necessário. Logo, todos os frutos ao alcance da mão eram de-

vorados. Só sobravam os mais graúdos e maduros, bem pretos, lá no alto. Eu era então convocado. Subia feliz, esgueirava-me entre os galhos e descia com o embornal repleto de jabuticabas madurinhas. Como sempre, comer mesmo, eu comia muito pouco. Meu prazer era ver a minha família se deliciando com os frutos.

Agora, tantas décadas depois, ainda me lembro do cheiro das minhas goiabas e da vista que tinha da então pequena Birigui. Tem coisas que a gente só faz na infância. E nunca mais esquece. Assim, quando vir uma criança subindo em uma árvore, deixe que suba. Não tenha medo. Pode ser uma das grandes aventuras de que ela vai se recordar para sempre.





## Chove! Que dia lindo

*M*eu gramado ficou marrom. As árvores secas, a terra esturricada. Olhava e percebia o grito silencioso clamando por água. Não, a mangueira era inútil. Só podia saciar a sede de uma plantinha ou outra mais delicada, mas seria muito incorreto e injusto gastar com as plantas a preciosa e rara água de beber dos humanos. Só a chuva poderia resolver.

Mas, curioso, das plantas que observei naquele início seco de primavera, as novas folhas, o novo viço, tudo isso surgiu antes das chuvas. O chão continuava tão esturricado como antes, mas as árvores floriam e soltavam brotos. Na minha fantasia, foi como se elas soubessem da chuva que viria, como de fato veio, e pudessem então liberar antecipadamente suas reservas secretas.

No dia em que finalmente choveu, eu sorri satisfeito quando alguém comentou:

— Que tempo horrível!

Em seguida, fiquei chocado. Como horrível, se chovia depois de tanto tempo de seca? Como alguém podia se incomodar se estava no meio de um verdadeiro milagre da Natureza, se podia se molhar na primeira chuva daquela primavera? Eu nada disse. Só fiquei pensando nas pessoas que reclamam quando chove, acham ruim quando o sol fica quente, sentem-se sufocadas no verão e odeiam as manhãs frias do inverno. Será que é assim também que aceitam ou, mais propriamente, se revoltam com o que a vida lhes oferece?

Não, não é possível ser intolerante. Não é possível viver bem se, nas amizades e nos amores, toda palavra tem de ser medida e bem pensada. Se uma pequena entonação pode pôr tudo a perder, gerar um mal-estar por dias. Se um desaforo motivado por mau humor passageiro pode pôr fim à amizade de muitos anos, ou precipitar o término de um amor que poderia ser para toda a vida.

Como é bom poder olhar em volta. Deixar-se esquentar pelo sol, molhar-se pela chuva, perdoar o momento mal-humorado do namorado ou do amigo, aceitar sem ressalvas os defeitos de quem você ama e pedir, humildemente, que os próprios defeitos também sejam aceitos.

Mas, acima de tudo, não ficar esperando o dia perfeito para fazer o gesto exato e correto. Com um pouco de confiança, é possível brotar e florir, mesmo na maior seca, acreditando na chuva que virá no dia seguinte.